

HISTÓRIA & UTOPIAS



ORGANIZAÇÃO
Ilana Blaj
John M. Monteiro

A N P U H

Associação Nacional de História

HISTÓRIA & UTOPIAS

***Textos apresentados no XVII Simpósio
Nacional de História***

Organização
John Manuel Monteiro
Ilana Blaj

A N P U H

Associação Nacional de História

1996

FESTAS EM TEMPOS DE BRUXAS

Jaime de Almeida
Universidade de Brasília

Ano 1748. Maria Teresa Ignácia, 23 anos de idade, é Sórora Maria do Rosário e responde, presa, ao interrogatório perante a Mesa do Santo Ofício de Lisboa. É de origem modesta: pai, Simão Antunes, e a mãe, Maria Mendes, não tem ofício. O processo não contém nenhuma insinuação de judaísmo, que o prenome paterno poderia sugerir. Antes de ingressar no convento, Maria Teresa trabalhou, provavelmente como criada, durante um ano.

Interessa-nos, do texto da sentença,¹ uma intrigante forma de marcação do tempo: procuraremos discutir, com base nesse único processo, as possíveis relações entre festa e bruxaria, ou, mais especificamente, o lugar e o papel das festas na marcação do tempo nesse tipo especial de relato.

O texto dispõe-se em dois grandes momentos: inicialmente a sentença arrola as denúncias recebidas contra a ré, seguindo-se os seus próprios depoimentos prestados sob forma de confissão.

As denúncias enfatizam aquilo que nos intriga: Sórora Maria do Rosário teria passado por numerosas experiências místicas, associando-as frequentemente às festas religiosas, às horas canônicas ou aos ritos de passagem de sua ordem monástica. Assim, “Que na festa do Espírito Santo sentia no seu interior um grande fogo e calor, principalmente, quando se cantava o Hino — *Veni Sancte spiritus* — naquelas palavras — *Ascende lumen sensibus*”.² A mesma experiência, relatada em outra denúncia: “Que no dia do Espírito Santos estivera no Cenáculo, toda abrasada no divino fogo e, tanto neste dia, como em todo o Oitavário, era toda uma chama ardente, quando se cantava o Hino *Veni, Sancte Spiritus* e, particularmente, o versículo

1 Extraída do cód. nº 862, Coleção Moreira, Sentenças da Inquisição, tomo 2, fls. 295-309, MS, Biblioteca Nacional; transcrito em Yvone Cunha Rêgo, org., *Feiticeiros, Profetas e Visionários: textos antigos portugueses*, Lisboa, 1981, pp. 103-37.

2 *Op. cit.*, p. 104.

Ascende Lumen sensibus". Desta segunda denúncia, destacaremos ainda uma Semana Santa ("Referiu mais que, em um dia da procissão dos Passos, vira nela todo o Monte Calvário e o passo do encontro, assim como foi, que, na hora do dia da Ascensão do Senhor, o vira subir em uma nuvem e toda a mais comitiva que o acompanhava e se sentira, neste tempo, abrasar mais do que naquele fogo que costumava ter nas comunhões; e fora tal o aumento, que durara até à hora do dia") e outra festa, menos pomposa: "Que no dia de Santa Cruz, lhe aparecera o Senhor, vestido de roupa roxa, com uma grande cruz na mão e lhe dissera que o seguisse e que ali vinha ajudá-la no seu trabalho, por ser ela toda a sua delícia".³

A marcação do tempo com base nos ritos de passagem, nas horas canônicas e numa numerologia mágica popular é constante: "A outra certa pessoa referiu a Ré que, sendo de idade de três anos, principiara a experimentar visões e outros mais favores do Céu, como eram: aparecer-lhe, várias vezes no dia, o Menino Jesus, vestido de roupa roxa, o qual lhe fazia mil carinhos e pedia que lhe guardasse a merenda, porque todas as tardes havia de ir merendar com ela: o que assim fazia na casa de um oratório onde se fechavam e com ele brincava e também com os anjos que o acompanhavam, os quais a tomavam ao colo e lhe faziam muitos requebros; e que estes favores continuaram até à idade de sete anos, tempo em que já ela pedia aos anjos lhe ensinassem a fazer uma penitência continuada; e eles lhe trouxeram um cilício, de que usava todos os dias e as mais das noites".⁴

As etapas do ingresso de Maria Teresa Ignácia no convento do Sacramento, da ordem dos Dominicanos, são uma seqüência de arroubos místicos. Criança ainda, acometida de febre maligna, obtivera a ajuda de um santo, que passou a chamar de seu Santo Patriarca e que a tomara por filha, dando-lhe forças para resistir às provações impostas por demônios durante o ano de noviciado. "E que, no dito ano de noviciado, suportara notáveis baterias do Demônio, que lhe aparecera em diversas figuras; e por lhe dizer, não fora baptizada, pediu ao seu Santo Patriarca que lhe aclarasse esta verdade; o que o Santo logo lhe fez, dizendo-lhe que, para ficar mais segura, lhe tornava a fazer o baptismo, na forma seguinte: — *Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo*". Durante os dez últimos dias desse ano, aumentam as tensões à medida que se aproxima o clímax do prolongado rito de passagem. A preparação da cerimônia da profissão é narrada como a agitação emocional de um noivado místico: "(...) que o Santo Patriarca a visitava todos os dias, uma hora em cada um, ensinando-lhe tudo o necessário para o dia dos desponsórios (...) E que, nos mais dos dias, vinha Nossa Senhora com uma magnífica procissão (...), a

3 *Op. cit.*, pp. 111-12.

4 *Op. cit.*, p. 105.

qual lhe dissera, que se chegasse para ela, porque queria pôr nos seus braços o que havia de ser seu esposo; e recebendo-o, lhe fizera o mesmo mil carícias, pondo-lhe a mão pelo rosto e dizendo-lhe, que ela era a sua amada e querida esposa. E que submergia ela, Ré, por baixo do chão, nos abatimentos do seu nada, sem se atrever a levantar os olhos, pela cegarem [sic] os resplendores de tantas luzes, banhada toda, em rios de lágrimas, sem se poder apartar de tanto bem, tornara a dar o Menino a sua Mãe Santíssima, com grande mágoa do seu coração”. Em meio a outras provações e delícias, chegam as vésperas da profissão e o rito da confissão geral. A denúncia faz ver que a experiência mística da noviça era conhecida e compartilhada por toda a comunidade: “E que, chegado o dia da confissão, posta aos pés do confessor, com todas as circunstâncias necessárias, foram tantas as pancadas e alaridos e tais os gritos, que se não podia valer; de sorte que foi necessário ao confessor usar de autoridade de Sacerdote para afugentar o Demônio, que a perturbava, o qual logo lhe obedeceu; e principiando a confissão, com toda a dor e humildade, e tendo [sic] já no meio dela, lhe apareceu o Menino Jesus e lhe pusera os seus pés, cada um sobre os seus ombros, e o mais corpo sobre a cabeça e lhe dissera que fosse por diante com a confissão (...) E que, passado algum tempo, lhe dissera o Menino Jesus: — *Basta já de mãos postas, pois me quero recostar em teus braços, enchendo-te de doçura e alegria esse coração, que já é todo meu e eu todo da minha Maria.* Nestes colóquios estiveram ambos, um grande espaço, passado o qual, tornara o Menino Jesus a dizer-lhe que dissesse ao confessor se ausentasse, porque queria dormir em seus braços e enriquecê-la de maiores delícias (...) e que viera Nossa Senhora (...) dizendo-lhe mil requebros, chamando-lhe a sua Maria, a mais querida; e lhe pedira o seu Menino, que tinha nos braços, o qual ela lhe entregara com grande dor do seu coração”. Véspera da festa: chegam Nossa Senhora, o Menino Jesus e as santas Catarina e Inês, estas para “assistir aos desponsórios (...) e entregando-lhe a Senhora o Menino nos seus braços, ele a tratara com muitos requebros e lhe mostrara o anel esponsalício, que lhe havia de dar, no dia dos mesmos desponsórios”. Enfim, “(...) no dia da profissão, tudo foram júbilos e alegrias e lhe entregara a Senhora o seu filho por esposo e também o anel, o qual, com a sua própria mão, lho meteu no dedo (...) e lhe dissera (...) que lhe desse o seu coração e tomasse o dele; o qual lhe tirou o dito Menino, por algum tempo e lho restituiu depois”. A vida cotidiana de Sórora Maria do Rosário, entre atividades domésticas tipicamente femininas, freqüentemente foge à rotina: acompanhando-a todo o tempo, seu protetor, o Santo Patriarca, transporta-a a lindos jardins onde extasia-se com a música e, ao retornar, suas tarefas estão milagrosamente prontas. Mas as provações do demônio são constantes, sobretudo à noite, em sua pequena cela. Ao festejar o primeiro ano da entrada nas ordens, “(...) se lhe repetiram dobrados favores e carinhos do Menino

Jesus nos seus braços, em companhia de Nossa Senhora e do seu Santo Patriarca, e que este, como Embaixador que era, lhe anunciara ser a vontade de Deus, que ela tivesse as suas chagas, cuja especialidade concedia às suas esposas mais mimosas; e lhe disse que se fosse preparando para esse dia e que para lhas não verem, lhas poria em parte que só ela o soubesse; e declarou que foram em uma ilharga; e que andara na esperança de as ter, até ao tempo da Quaresma; e que, em cada sexta-feira, lhe aparecia uma, com grandes dores e a última fora a do lado”.⁵

As horas canônicas dos dias e noites, as missas e ofícios religiosos, sons de sinos e matracas, perfuram o tecido do tempo cotidiano introduzindo fragmentos pontuais de um tempo sagrado, tal como determinados recintos sagrados — o coro, o oratório, o confessionário, a igreja — introduzem-se nas malhas do espaço profano. As experiências místicas, a princípio, e depois, satânicas, denunciadas ou confessadas, ora confirmam, ora violentam estas coordenadas espaço/tempo: sagrado/profano. Sórora Maria do Rosário, assistindo à missa na igreja, vê: “Que, quando as Religiosas comungavam, lhe aparecia o Menino Jesus nas partículas e entrava na boca de algumas, com grande gosto e alegria, e na de outras, com violência”. Ou ainda, num quadro do espaço/tempo rotinizado, vê: “Que Nosso Cristo Senhor Nosso lhe aparecia crucificado na casa da cozinha”. No espaço/tempo extraordinário, a monja vê: “Que em uma ocasião de Lausperene, sendo de noite, e mandada depois de Matinas que se fosse deitar o fizera com repugnância, por lhe ficar o coração no coro; e, entrando na cela, achara a Custódia no mesmo trono e forma em que estava na Igreja e com as mesmas luzes”.⁶

A interpretação do universo simbólico e ritual da bruxaria como contrafação simétrica do universo simbólico e ritual do cristianismo tomista, proposta pelo historiador Hugh Trevor Roper, aplica-se de modo particularmente feliz ao texto que temos em mãos. O imaginário de Sórora Maria do Rosário é todo beneditino; nas várias experiências místicas padronizadas pela tradição da ordem, a jovem tem modelos a imitar, como o de São Bernardo, por exemplo: “Também referiu a Ré que a Senhora muitas vezes lhe dera a beber o seu leite virginal e este lhe causava na alma a maior doçura”. Por outro lado, as denúncias e confissões invertem os valores de toda a vivência mística relatada até aqui; a marcação do tempo e do espaço é exatamente a mesma, embora o ponto de partida seja menos infantil:

Que sendo de idade de 7 para 8 anos, pouco mais ou menos, estando um dia só na sua casa em que dormia, lhe apareceu

5 *Op. cit.*, p. 105

6 *Op. cit.*, p. 104 e 110-11.

uma figura de homem, que a persuadiu e incitou a actos torpes, em que ela consentiu na dita ocasião e em outras mais; sem que por então se capacitasse ser o Demônio o que lhe aparecia; porém, que aparecendo-lhe o mesmo em terceira ocasião, a tempo que ela já tinha 13 anos de idade, veio a conhecer que era ele o que lhe falara, por lhe pedir que o adorasse e reconhecesse por Senhor, esperando dele a salvação; e que havia de renegar da Santíssima Trindade e de Nossa Senhora e lhe havia de entregar a sua alma com todas as suas potências (...) que esquecendo-se de ser Católica, fizera e praticara tudo o que o mesmo Demônio lhe pedira, firmando e concluindo este pacto com um escrito que lhe fez e deu do seu próprio sangue (...) depois disto feito, lhe continuava a aparecer todos os dias o Demônio, tendo sempre com ela actos luxuriosos, como qualquer homem (...) que na ocasião em que fez o dito escrito, lhe disse o Demônio que a queria marcar por escrava sua e com efeito lhe correrá um dedo pela ilharga esquerda, com que lhe fez uma marca e sinal que ainda conserva”.⁷

Invertem-se os sinais, mantém-se a estrutura lógica da comunicação: “(...) que da idade de 13 anos, pouco mais ou menos, até o ano próximo passado, fizera, por muitas vezes, desacatos a partículas consagradas, que recebia na Comunhão, as quais tirava da boca e fazendo-lhe vários despezos, as metia debaixo dos pés e, ultimamente, as enterrava em lugares imundos (...) fazia também despezos às imagens do Senhor Crucificado e do Menino Jesus, as quais, umas vezes, picara com alfinetes e, outras, metia debaixo da terra (...) e uma das ditas Religiosas lhe deu, por prenda, uma relíquia do leite da Virgem Maria Senhora Nossa, recomendando-lhe a não largasse, porque lhe serviria muito em todos os seus trabalhos espirituais e temporais; o que ela, Ré, fizera pelo contrário, entregando-a às ditas suas amigas e mestras e estas lhe fizeram tais desacatos que, em breve tempo, mudou o leite da dita relíquia de cor, fazendo-se roxo e, passando por uma estrebaria, tiraram com ele para dentro e aí ficou (...)”.⁸

“Referiu mais a Ré que ela não fora Freira por sua vontade, nem pela das suas amigas e mestras; mas sim porque o Demônio a persuadira a isso, dizendo que naquele Convento lhe havia de fazer muitos serviços e, pela jornada, veio sempre em sua companhia, tirando-a na carruagem e usando dela pelas estalagens, como sua mulher (...) Também referiu a Ré que o Demônio lhe

7 *Op. cit.*, p. 121.

8 *Op. cit.*, pp. 116-17.

tinha dado no seu Convento algumas bebidas, declarando-lhe que eram dos seus manjares e que bebendo ele primeiro, lhe dizia depois, que lhe dava os seus sobejos, porque ela era sua esposa; e lhe dera também uns anéis dos desponsórios [que o Demônio a persuadiu a] que, na ocasião da sua profissão solene, a fizesse nas suas mãos, prometendo-lhe ser sua; e a que fizesse no Coro, perante as Religiosas, fosse somente por cerimônia e sem ânimo e tenção de a fazer; o que tudo ela assim executara (...) Que, nas vésperas e dia de sua profissão, houvera duas grandes tempestades, como podia testemunhar toda a comunidade”.⁹

A comunidade, que aprovava os trabalhos espirituais de Sórora Maria do Rosário, acreditando tratar-se de milagres, terminou envolvida em rumoroso escândalo: “Declarou mais à dita pessoa que as Religiosas do seu Convento, que se acham enfeitiçadas, o tinham sido por seu respeito e estavam outras muito ameaçadas, declarando a quem tinha feito malefícios e as partes onde estavam os instrumentos deles, como são: bonecos, trapos, cabelos, penas, fiado, linhas, agulhas, alfinetes, paus, etc... O que tudo se achou, desfazendo-se os enxergões, colchões, travesseiros e almofadinhas (...) Referiu mais a Ré à dita pessoa que matara quatro Religiosas e um Confessor do dito Convento com doenças incompreensíveis aos médicos e cirurgões (...) que, em uma noite, a vieram buscar as ditas amigas e mestras e a convidaram para ir à casa de um Religioso assistente no mesmo Convento a fim de lhe fazerem mal; e que buscando quantos meios puderam para o atemorizar e chegarem a ele, por mais diligências que fizeram, lhes não foi possível, por ter o mesmo Religioso consigo defensivo que as afugentava (...) e que, em outra noite, pedira ao Demônio a levasse à cela de outro Religioso assistente no mesmo Convento, obrigada de maus desejos; e porque se ele a visse a havia de conhecer, pedira também ao demônio o não acordasse, porque ela se contentava fazendo o seu gosto, sem ele a sentir (...)”.¹⁰

As narrativas dos cálidos contatos amorosos com o Menino Jesus e a Virgem prolongam-se numa cadeia metonímica unindo os corpos de outras freiras ao de Sórora Maria do Rosário, culminando na brusca inversão das metáforas: “Confessou mais que, indo, uma noite, pelas 9 para as 10 horas, rezar umas devoções a certo retiro do seu Convento, em companhia de outra Religiosa, logo que entrou em casa, apagou ela, a Ré, a luz que levava e se abraçou com a dita Religiosa, com ânimo de a provocar e persuadir a actos torpes, por cuja causa, estando assim abraçada com ela, lhe perguntou o que sentia; e respondendo-lhe a dita Religiosa que sentia fechar-se uma porta, ela Ré, replicou que não era isso o que sentia; porém, a dita Religiosa então

9 *Op. cit.*, p. 117 e 127.

10 *Op. cit.*, pp 118-119.

persistiu no mesmo e, só passados alguns dias, lhe declarou que o ânimo dela Ré era provocá-la a actos torpes, o que a dita Religiosa disse, sem que ela de outro lhe tivesse declarado o depravado ânimo e segunda tenção com que a tinha abraçado; e se persuadiu que a dita Religiosa, viera neste conhecimento por se irem já naquele tempo sabendo no dito Convento algumas coisas das que, agora, vai confessando e declarando na Mesa do Santo Offício”.¹¹ “Confessou mais que, não só abraçara na casa do retiro aquela Religiosa, que já referiu na primeira confissão, com ânimo de a provocar a actos luxuriosos, mas também, a quatro mais, que nomeou; sem que ela, Ré, lhes dissesse o ânimo e tenção com que praticava os ditos abraços, os quais, entende, produziam aquele efeito por operação do Demônio, que antecedentemente lhe havia mandado o fizesse assim, sendo a sua tenção praticar a mesma ação com as mais Religiosas daquele Convento (...) confessou mais que, suposto ela, Ré, declarara a certa pessoa que, por arte do Demônio, fora à Cidade de Coimbra com desejo de ter trato com três homens, que lhe nomeou, os quais lhe trouxera logo o demônio onde ela estava (...) este fato fora inventado pela sua maldade para ver se assim podia provocar e persuadir a dita pessoa a que desejasse fazer o mesmo e ser sua companheira na comunicação e trato que ela, Ré, tinha com o Demônio. E que, com o mesmo fim, fingira e falsamente dissera à dita certa pessoa, que duas vezes fora à Cidade do Porto, em figura de gato e tanto que lá chegara, ficara feita mulher e lhe dissera o Demônio que se recebesse com um homem com a formalidade que manda a Igreja; o que também fabricara com ânimo e tenção de perverter a dita pessoa com quem tinha muita amizade e desejava atraí-la ao seu modo de vida, por meio de torpezas que com ela comunicava haver tido tão repetidas vezes com o Demônio”.¹²

Submetida “por força dos exames que se lhe fizeram”, Maria percorre todo o rosário das práticas descritas no *Malleus Maleficarum*; as coordenadas espaciais e temporais tornam-se mais frouxas, orientando-se pelos eixos antes/depois da entrada no Convento e vida cotidiana/viagens sabáticas. As minuciosas denúncias feitas pelas próprias pessoas que, a princípio, aprovavam e buscavam partilhar os supostos transportes místicos, passando agora a fugir à suspeita de adesão à bruxaria e à libertinagem, terão sido, então, a razão daquela ênfase nas festas religiosas que tanto nos intrigou.

A ré confessa ter permanecido em contato com o demônio no cárcere do próprio Convento (aí se percebe que pelo menos duas outras freiras também estiveram presas, certamente envolvidas no processo e prováveis autoras das denúncias contra ela). Alumiada pelo Espírito Santo, usando de bom e saudável conselho, dá sinais de arrependimento e escapa à fogueira. Terá

11 *Op. cit.*, p. 123.

12 *Op. cit.*, pp. 126 e 133-134.

talvez percorrido as ruas de Lisboa com carocha e rótulo de feiticeira no Auto Público da Fé que culmina, a 20 de outubro, na igreja do Convento de São Domingos, presente Sua Majestade El-Rei D. João V.

O terremoto de 1º de novembro de 1755 permite que Maria do Rosário, agora com 30 anos, fuja dos cárceres da Inquisição, juntando-se aos refugiados que se abrigam na casa do sargento-mor Pedro de Teixeira, criado particular do rei. Dois sacerdotes, informados das diligências solicitadas pelo Santo Ofício, identificam-na pela forma como “ela se aplicava em ver o modo da psalmodia e perguntando-lhe se entendia alguma coisa daquele ministério, respondeu que sim, porque fora educada em um Mosteiro de religiosas”. Pressentindo o cerco da Inquisição, Maria tenta, em vão, esconder-se num moinho próximo à casa. O relato, redigido ou transcrito pelo padre José Caetano d’Almeida, bibliotecário do rei Dom José I, repõe a questão inquietante: os passos de Maria do Rosário, mapeados pelo discurso letrado, são de novo pontuados pelo extraordinário. O terremoto, tremenda irrupção do sagrado, estraçalha as coordenadas estabelecidas de espaço e tempo. Miraculosamente livre, Maria do Rosário, em lugar de buscar a solidão, junta-se à multidão que vê na reunião para oração o remédio contra a ameaça do caos; ao invés do anonimato, Maria do Rosário parece querer atrair a atenção dos sacerdotes que, em algum momento, dirão ter observado “diabruras e extraordinárias demonstrações, coisas e sucessos”. Presa, ao ser transportada, novos prodígios: “Experimentou-se na passagem do mar e nas estradas da terra, tão extraordinários e horríveis redemoinhos, furacões e outros semelhantes casos, que fazem perceber, que ainda aquela infeliz se deixava assistir e auxiliar do infernal inimigo”.¹³

Texto apresentado na sessão Festas Populares e Construção Cultural, 19/7/1993.

13 Manuscrito extraído do cód. nº 862, Coleção Moreira, Sentenças da Inquisição, tomo 2, fls. 310-311, MS, Biblioteca Nacional de Lisboa; transcrito em Yvone Cunha Rêgo, org., *op. cit.*, pp. 139-40.